SAIR OU NÃO SAIR: A LINHA TÊNUE ENTRE FICAR NO ARMÁRIO E A LIBERDADE

LEAVE OR NOT TO LEAVE: THE ABYSS BETWEEN STAYING IN THE CLOSET AND FREEDOM

SALIR O NO SALIR: EL ABISMO ENTRE ESTAR EN EL ARMARIO Y LA LIBERTAD

Ionice Barbosa de CAMPOS[*]
Carlos Augusto de MELO[**]

Resumo: Este artigo objetiva trazer para discussão a representação do homossexual na literatura brasileira contemporânea. Para tanto, trata-se de um trabalho de cunho bibliográfico, que traz para uma breve análise o romance As Lesmas, de Heleno Godoy. Em termos teóricos, buscamos alguns conceitos terminológicos em Lomando e Wagner (2009), bem como as teorias que abordam questões de gênero, como é o caso da obra Sedgwick (2007) em "A epistemologia do armário" e Albuquerque Júnior (s/d). Discutiremos, em específico, o papel do homossexual na obra literária em questão, visando identificar quem é esse sujeito, de onde ele fala e qual lugar assume, tanto na obra quanto na sociedade, já que a homossexualidade, ainda que em pleno século XXI, não é bem aceito pela sociedade patriarcal e heteronormativa. Enfim, essa relação e seu valor estético serão aqui colocados para evidenciar a necessidade de trazer o assunto para discussão acadêmica.

Palavras-chave: Relação homoafetiva. Identidade. Literatura brasileira contemporânea.

Abstract: This article aims to bring to discussion the representation of gays in the contemporary brazilian literature. Therefore, it is a bibliographic work, that brings a brief analysis of the novel As Lesmas, by Heleno Godoy. In theoretical terms, we seek some terminologic concepts in Lomando and Wagner (2009), as well in the theories that talk about gender issues, such as the Sedgwick work (2007) in "A epistemologia do armário" and Albuquerque Júnior (s/d).We are going to discuss, in particular, the role of the homosexual in the literary work in question. Therefore, it is necessary to identify who is this guy, where he speaks and what place he takes, both in work and in the society, already the homosexuality, even in XXI century is not well accepted by the patriarchal and heteronormative society. Ultimately, this relation and your esthetic

[*] Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia-MG, Brasil. Contato: ionice.barbosa@gmail.com.
[**]Professor no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil. Contato: carlosaug.melo@gmail.com.

value will be put here to highlight the necessity of to bring the matter to the academic discussion.

Key words: Homosexual relationship. Identity. Contemporary brazilian literature.

Resumen: Este artículo pretende poner en discusión la representación del homosexual en la literatura brasileña contemporánea. Con este fin, es un trabajo de carácter bibliográfico, que trae un breve análisis de la novela Lesmas, de Heleno Godoy. En términos teóricos, buscamos algunos conceptos terminológicos en Lomando y Wagner (2009), así como las teorías que abordan las cuestiones de género, como es el caso de la obra Sedgwick (2007) en "A epistemologia do armário" y Júnior de Albuquerque (s/d). Vamos a discutir, en particular, el papel del homosexual en la obra literaria en cuestión, con el fin de identificar quién es este sujeto, donde él habla, tanto en la obra como en la sociedad, ya que la homossexualidad, incluso en el siglo XXI, no es bien aceptada por el patriarcal y heteronormativa sociedad. Por último, esta relación y su valor estético se colocará para poner en evidencia la necesidad de llevar el tema para una discusión académica.

Palavras clave: Relación homossexual. Identidad. Literatura brasilenã contemporánea.

A escrita deste artigo configura-se a partir da necessidade de trazer para a academia reflexões acerca da representação do homossexual na literatura brasileira contemporânea. Para tanto, usaremos como base literária, para uma breve análise, o romance *As lesmas* (2002), de Heleno Godoy. Em geral, os estudos que se afloram nesse momento sobre o assunto mencionado estão direcionados às obras de autores que caminham para uma canonização, como é o caso de Caio Fernando Abreu, João Gilberto Noll e Silviano Santiago. No entanto, existem outras obras que, também, trazem essa temática e merecem estar em evidência, por isso, trouxemos à luz a produção vanguardista de um autor goiano.

O termo *vanguardista* é aqui utilizado porque, em Goiás, à época da publicação da primeira edição da obra, em 1969, não havia ainda romances que tematizassem uma relação afetiva entre dois homens. Aliás, na literatura brasileira, de modo geral, a esse tempo, eram ainda poucas as publicações que evidenciavam o tema. Sendo assim, em termos regionais, *As lesmas* configura-se como um romance de vanguarda em Goiás por dar início a uma literatura de cunho homoafetivo, o que ocorreu pelo fato de o autor estar preocupado em

fazer um romance novo, diferente do que até então se fizera no Brasil com relação ao gênero.

A primeira publicação de *As lesmas* (1969) foi considerada por Mário Chamie, em 1974, como "modelo pioneiro" da instauração práxis "no panorama da ficção brasileira". Portanto, é considerado um livro de vanguarda dos anos sessenta, não somente por sua linguagem, trabalhada de maneira expressiva e inovadora, mas pela forma como é desenvolvido o fator tempo e, ainda, pela temática, que aborda tanto a questão da Ditatura militar quanto a da homoafetividade.

Ao falar na representação do homossexual na literatura, não há como deixar de pronunciar alguns termos que vêm, paulatinamente, ganhando espaço na sociedade contemporânea. Para tanto, faremos aqui, brevemente, uma abordagem de algumas terminologias ligadas ao tema. *A priori*, é sabido que homossexualismo é, relativamente, um termo novo, porém, bastante discutido no âmbito religioso, médico e político-social e, após a terminologia ser adotada, começou a ser visto, respectivamente, como pecado, doença e crime.

> A história do termo homossexualismo inicia no final do Século XIX. A primeira forma de categorizar e "sujeitar" homens e mulheres que têm seu afeto e sua sexualidade voltados para pessoas do mesmo sexo foi médico-psiquiátrica. [...] Iniciou-se o uso do termo homossexualismo para identificar pessoas que mantinham relação sexual com alguém do mesmo sexo, definindo estas características como de orientação patológica (Lomando e Wagner, 2009, p. 5).

Cunhado o termo em meados do século XIX, apenas no século XX deixou de ser considerado como doença mental ou distúrbio patológico, mas, no Brasil, somente em 1999, isso foi declarado oficialmente. Antes disso, na década de 1980, em função da quantidade de gays portadores do vírus da AIDS, houve uma discussão social muito grande em torno do termo homossexualidade, nas três áreas acima mencionadas, para que se chegasse a um mínimo acordo sobre sua utilização. De acordo com Lomando e Wagner (2009, p. 11):

> o uso da palavra homossexual tem, pelo menos, 138 anos de idade; já o conceito por trás dela vem se expandindo cada vez mais, o exercício do preconceito vem diminuindo e outras possibilidades de

> subjetivação estão cada vez mais abrangentes. Entretanto, o uso do termo perdura.

A posteriori, vieram as derivações da palavra e os respectivos sentidos a ela atribuídos. Por exemplo, no início da década de 1990, no Brasil, Jurandir Freire Costa (1992), em evidenciada oposição aos termos homossexual e homossexualismo, inaugurou por razões teórica, histórica e conceitual o termo homoerotismo, o qual é ainda hoje utilizado para se referir à relação ou atração afetiva entre pessoas do mesmo sexo.

Mais recentemente, também em vias de substituir o termo homossexualidade, Maria Berenice Dias, desembargadora brasileira, introduziu no país, oficialmente, com o fito de destacar o conceito afetivo das relações entre pessoas do mesmo sexo, a palavra homoafetividade. Lomando e Wagner (2009, p. 12), ao esclarecerem essa definição, afirmam que a desembargadora cunhou novo termo e conceito,

> baseando-se nas evidências das relações duradouras, dos bens compartidos, dos elos afetivos, da parentalidade e, principalmente, da ausência de leis, mas não da ausência de direitos. Muda-se o sufixo sexual para afetividade, como dispositivo possibilitador de reflexão psicossocial (DIAS, 2003 *apud* LOMANDO e WAGNER, 2009).

Nesse sentido, então, confirma-se a progressão do termo homossexualidade e do pensamento que gira em torno dele. Vale ainda dizer que, na atualidade, a forma melhor aceita para denominar as relações afetivas entre gays e lésbicas é o último aqui mencionado. Aliás, gays e lésbicas são outros termos que têm tido uma discussão teórica a respeito, mas que, por hora, não entraremos em detalhe por não fazer parte do objetivo deste artigo.

Após essa breve explanação teórica sobre o tema a ser estudado, voltemos à discussão do nosso objeto de análise literária. *As Lesmas* é um romance de estrutura e temática contemporânea e à frente de seu tempo, que traz como enredo a história, cronologicamente demarcada num período de seis anos, de Mário e Lúcio, dois amigos que não conseguiram concretizar uma história de amor em função de alguns acontecimentos que os cercam, principalmente a Lúcio, que tem

uma família conservadora e sente na pele as marcas que isso deixa em seu modo de pensar. Além disso, a não realização do amor sexual tem, no romance, muitos outros impedimentos, que não as questões familiares de um dos personagens, problemas de ordem pessoal mesmo, e que acabam levando Lúcio ao suicídio.

Vale ainda mencionar que o romance é caracterizado por uma narrativa híbrida, no sentido dos tipos textuais que a compõe. Em cada parte verifica-se, portanto, um caminho escolhido pelo narrador para apresentar a história: monólogo, diário, troca de cartas, descrição, narrativa, enfim, são várias formas de apresentar o enredo.

A primeira parte do romance é intitulada "Os dias". Nela, temos uma sequência do diário de Lúcio, com todas suas inquietações, ações e pensamentos. Nessa conjunção, o leitor acompanha sua constante procura por um lugar, algo que seja seu, respostas para as infindáveis perguntas que surgem, a partir de sua relação com Mário. Mas ele não consegue essas respostas, é fraco para "sair do armário", brigar, enfrentar o outro. No entanto, é forte e "homem" suficiente para tirar a própria vida e deixar seu amado em dor e sofrimento, assim como a família e o mundo lá fora, do qual ele se vê excluído. Na sequência do diário, depois de tanto premeditar e perceber que não conseguiria lidar com a situação de assumir uma identidade homossexual, a decisão final é a morte, que ele define para o dia 12 de junho de 1964, conforme registrado em seu diário.

Às vésperas do dia marcado, temos os seguintes registros feitos por Lúcio, aquele que não teve forças para se assumir sexualmente:

> 10 de junho
> Amanhã cedo não dá. Terei de deixar para depois de amanhã, dia 12. Que seja, então, dia 12. Qual a diferença? Não existem diferenças em dias que se repetem em conteúdo e ações. Minha próxima ação será apenas a de dar a última volta na chave, trancar a fechadura e atirar a chave longe, de forma a não ser mais encontrada, deixando a todos do lado de fora. Posso fazer isso, excluí-los. Meu único trunfo, a exclusão do mundo. Deles.
>
> 11 de junho

> Adeus. É o adeus. Levei uma bofetada... Não, não posso ser exagerado. Não levei bofetada nenhuma. Talvez um "chega pra lá" do mundo, e estou obedecendo, estou me chegando mais para lá do que os outros.
> [...]
> Nunca o vazio em si, salvaguardando os monstros que flui nessa loucura de querer permanecer. Quero, agora, a certeza da ordem traçada, a aguda tristeza de ser antecedido, o ímpeto de ser amplidão e jamais corpo possuído. Face? Fênix? Horror?
> Nada, a não ser o horror de permanecer.
> Permanecer (GODOY, 2002, p. 102-105).

Nas quatro partes em que se desloca a obra, na qual temos um intervalo de seis anos, para que o leitor tenha uma visão completa do que é a narrativa, ele precisa inferir todos os acontecimentos narrados, ainda que estejam em ordem aleatória, mas não desconexa. Albertina Vicentini, na orelha do livro, apresenta um resumo de forma a constituir o enredo da obra. Os fatos são os seguintes:

> o abuso de Pe. Antônio a Lúcio; a apresentação de Lúcio a Mário por Sônia (ex-namorada de Lúcio); a amizade entre os dois; o amor homossexual sentido mas não realizado; a recusa de Lúcio; a partida de Mário; a angústia de Lúcio; as trocas de cartas (três delas); o suicídio de Lúcio aos dezenove anos; o conhecimento dos fatos por Mário através de Rubens (irmão de Lúcio); a visita de Mário ao túmulo de Lúcio (VICENTINI, 2002, s/p).

Visto isso, não há dúvida de que o romance gira em torno da temática homoafetiva e, consequentemente, abre precedente para ser analisado nesse viés, fato que torna possível dialogar a obra com as teorias que agora surgem sobre o assunto e faz com que a literatura produzida em Goiás também seja discutida no âmbito acadêmico, ainda mais quando se trata de poder colocar em pauta a representação do homossexual na literatura brasileira contemporânea, que, até então, perpassa apenas por alguns nomes mais canonizados.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior (s/d) traz em um de seus escritos a teoria de Anthony Giddens e a obra literária de Caio Fernando Abreu para falar das epifanias da homoafetividade e sua relação com a sociedade, isto é, em seu texto, o pesquisador faz uso de

uma teoria social para abordar essa temática que está, agora, começando a entrar em evidência, qual seja, a "dos amores e desejos homoeróticos". O embate colocado por Albuquerque Júnior é o de verificar a apreensão ou não, pela teoria, das experiências tidas como convenientes apenas pelo sujeito homossexual.

Durante seu percurso textual, o autor discute alguns contrapontos e levanta vários questionamentos que nos fazem pensar acerca do papel e da representação dessa minoria não só na literatura brasileira contemporânea, mas também na academia, onde há uma necessidade imediata de discussão do tema, tendo em vista o surgimento de autores, obras e leitores que estão vinculados à homoafetividade. E não apenas aos homossexuais nos referimos aqui, mas, todos aqueles que, de alguma forma, os representam ou defendem estão "convidados" a vestirem a camisa e mostrar a que vieram nessa primeira metade do século XXI, libertar-se é a palavra de ordem.

Em consonância com as perguntas de Albuquerque Júnior e fazendo acréscimo a elas, resta-nos saber se estamos preparados para ler e ouvir tudo que até agora esteve tapado com a peneira ou jogado para debaixo do tapete. Se o pensamento for o mesmo de Giddens, isso não será possível; por outro lado, se a literatura servir para algo, respostas serão dadas.

São fortes e categóricas as perguntas que ele coloca na busca pela representação do homossexual na literatura brasileira e isso leva-nos a entender a real necessidade de colocar em pauta essa discussão no ambiente acadêmico, para daí sair e ganhar corpo também fora dele, ou seja, espalhar-se pela sociedade até atingir a maioria das pessoas, pois, independente de qual seja o enredo das narrativas de abordagem homoafetiva, elas precisam ser discutidas tanto quanto as demais.

A homoafetividade, de modo geral, ainda que em pleno século XXI, não é bem aceita pela sociedade patriarcal e heteronormativa. Em relação à literatura, apesar de ser um pouco mais maleável, o preconceito também se faz presente. O livro *As lesmas*, por exemplo, é um desses romances contemporâneos, com carga homoafetiva, que ainda está no limbo literário e esperando para ser "descoberto" pela academia. É uma obra vanguardista no sentido da representatividade do homoerotismo literário brasileiro, da década de 1960, que teve sua primeira edição, como já dissemos, em 1969, mas que foram

censurados, pelo editor, o prefácio e alguns parágrafos antes mesmo da publicação. Quando, finalmente, ficou pronta para o mercado, o editor pediu que cortassem, com a régua, a folha final onde fazia menção ao nome e endereço da editora. Mesmo assim, os mil exemplares se esgotaram logo após serem colocados à venda. Sua segunda edição, a que utilizamos aqui, é de 2002 e vem acrescida de um capítulo e algumas retificações feitas pelo autor.

Voltando à questão da recepção da literatura na contemporaneidade, percebemos que, na atualidade, temos visto vários pesquisadores interessados em estudar as demandas de gênero e, consequentemente, a aceitação está um pouco mais maleável. No entanto, vimos que a personagem gay é representada, inicialmente, na literatura, como um sujeito marginalizado, digo, não aceito com facilidade por aqueles que julgam serem e viverem em uma sociedade heteronormativa. Vale dizer, portanto, que essa é uma visão restrita a alguns leitores e não dos escritores, logicamente, que, já há um tempo, vêm galgando espaço no meio literário.

Posteriormente, na pós-modernidade, é que se pode constatar certa mudança e o sujeito em questão passa a ser visto por outro viés. Ao falar em pós-modernidade, lembramo-nos do que Bauman (2004, p. 34) coloca sobre as novas identidades que, "ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas". O que dificulta isso é, portanto, a privatização e desregulamento da utópica liberdade de escolha identitária que é oferecida a esse sujeito, ou seja, na verdade, ela não é dada a todos, mas apenas a um seleto grupo hierarquizado socialmente.

Nesse sentido, é preciso pensar, com a nova visão teórica, em alguns aspectos referentes às obras literárias que necessitam ser discutidos, como é o caso de quem fala, o que e de onde fala. Essas são questões passíveis de análise dentro de uma obra literária que tenha viés homoerótico, tanto em termos estruturais quanto semânticos, tendo em vista a diferença temática. Numa obra com esse teor, as personagens são distintas das convencionais, o conflito não é aquele tradicional e o lugar de onde se fala (autor e narrador) é também outro, se pensarmos isso em relação ao lugar de fala das personagens idealizadas em uma narrativa patriarcal e conservadora.

Quando falamos em representação do homossexual, é preciso lembrar, ainda, que se trata da representação do outro e que isso, principalmente quando está relacionado a grupos minoritários, depende muito da posição sócio-político-ideológica do sujeito que o representa. Por isso, Flávio Pereira Camargo (2010, p. 20-21), ao reler Hanna Pitkin (2003, 2006), diz que

> essa representação pode ser contestada, pois o sujeito responsável por ela está em uma posição particular e a defende como correta, desprezando outros posicionamentos, outros olhares sobre o outro. Portanto, podemos questionar quem fala, o que fala, de onde fala e como ocorre essa representação discursiva do outro.

Aqui, o sujeito se coloca enquanto defensor e participante de uma causa sua, que lhe é própria, então, ele precisa estar munido da certeza de sua identidade sexual, como é o caso de Mário, em *As lesmas*, que não se deixar levar pelo que o outro pensa de si, a exemplo de Lúcio. Impondo-se aos ideais normativos é que o sujeito vai encontrar seu lugar de fala e posicionar sua identidade, tal como podemos perceber em uma das cartas que Mário escreve a Lúcio, datada do dia 10 de maio de 1964:

> Lúcio,
> Por que sou como sou, você pergunta? E você? Por que você é como é? Lúcio, ponha isso na cabeça: SOMOS! E não há nada que possamos fazer a respeito e isso basta. Para que nos preocuparmos, para que perdermos tempo com indagações que ficam sempre sem resposta? Se respostas não existem, relaxa e viva feliz! Puta merda, que encheção de saco voltar às mesmas dúvidas de ontem! Não vamos chegar a nenhum acordo mesmo. Cara, eu te cantei, numa boa, você não quis. *C'est fini! The end!* Ponto final. Ainda mais depois de sua recusa! Detesto quando me recusam qualquer coisa, e você se recusou a mim, lembra?
> [...]
> Você diz que essas minhas atitudes são desonestas e reacionárias, alienadas. Por quê? Só porque não quero me preocupar com a existência dos outros? Vou lá viver preocupado com a existência dos outros! Os outros são o inferno, lembra? É a náusea, cara, fuja dela e do inferno. Olha aí suas lesmas e seus sonhos de terror. Essas lesmas

> são a sua náusea. Parta para outra, vê se sonha com bicho que não seja viscoso e pegajoso. Não dá p sonhar com ouriço-cacheiro? Alias, como é que eles fazem para trepar, com tanto espinho? Como é que eu não vi seus espinhos? Seus espinhos são invisíveis e ferem a você mesmo, em primeiro lugar (GODOY, 2002, p. 115/116).

Ao falar sobre identidade, é válido lembrar que existem várias concepções possíveis do termo e as teorias a respeito também, às vezes, podem divergir. No entanto, tomemos por base duas das três concepções de identidade propostas por Stuart Hall (2005), em que o autor discute o sujeito do Iluminismo, o sociológico e o pós-moderno. Aqui nos interessa o que ele diz sobre os dois últimos. Este em função de sua efemeridade e necessidade de adaptação às diferentes direções que surgem e o sujeito precisa se adequar a elas. Aquele, porque é definido como o que internaliza significados e valores, isto é, torna-se "parte de nós" e interage com o meio externo e interno.

Sendo assim, o sujeito homossexual, sendo ele também pós-moderno, precisa encontrar seu lugar de fala e sua posição identitária, de acordo com o meio em que vive, já que temos identidades contraditórias e, em algum momento, temos que nos identificar com alguma delas. Nas palavras de Hall (2005, p. 13),

> Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. [...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

Nesse sentido, no que diz respeito ao lugar do sujeito e sua identidade homossexual dentro da narrativa em questão, percebemos uma busca constante, tanto de Mário quanto de Lúcio, pela sua identificação. Há uma eterna dúvida em relação ao que são e ao que querem ser. Mário é mais seguro de si e de suas escolhas, mas, mesmo assim, não tem plena certeza do que ele é, realmente, de forma que está sempre sendo confrontado com as várias identidades possíveis de

serem assumidas, tal como é postulado na teoria de Hall. Lúcio, ao contrário do amigo, nunca teve coragem de assumir sua identidade sexual e, além disso, sente medo de algo que nem sabe se vai acontecer ou não. Então, para ele, identificar-se com uma das identidades possíveis, mesmo que temporariamente, é quase impossível.

Há um trecho da narrativa em que os dois personagens conversam, na casa de Mário, à luz de velas e com música ao fundo. O diálogo se inicia a partir de uma pergunta de Lúcio a Mário, sobre um poema que ele escreveu, falando sobre o amor, no qual ele acredita. Mário responde que não gostou do poema, nem acredita no amor. Daí, seguem em uma discussão demorada e que perpassa por vários outros vieses, como a família, Deus, a amizade e o amor dos dois, até culminar numa discussão mais acalorada e Mário dizer que vai embora, depois de declarar seu amor por Lúcio.

Durante toda a conversa entre os amantes, é perceptível a oscilação de pensamento e busca por um lugar certo, pela marcação do que são e do que escolheram ser. As identidades se misturam e se confundem, deixando-os atormentados pela dúvida e, ao mesmo tempo, têm a certeza de que aquela relação está fadada ao fracasso. Isso nos faz ver que a necessidade de adaptação do sujeito pós-moderno e a efemeridade das coisas acaba fazendo com que o indivíduo, às vezes, se perca entre tantas escolhas.

A fim de exemplificar o exposto, transcrevemos parte da fala de Mário, "o decidido", o que "saiu do armário", que nos mostra, na verdade, a incerteza em que vive. Então, seu lugar de fala passa a ser outro, que não mais o de uma pessoa certa de suas decisões, mas na dúvida em relação a elas.

> *Isso é máscara, Lúcio. Não acredite no que eu digo. Esqueça. Sobretudo, não prolongue essa discussão. Não quero magoá-lo, pois em mim doeria muito mais. Tenho medo de tudo. E tudo em minha vida tem sido hostil, nada me serve. Não me encontro comigo mesmo ou com os outros. Não sei, Lúcio, não sei nada. Meus dias são uma repetição cansativa das mesmas poses, frases, expressões, idéias. Não tenho nada que considere meu, exceto essa mudança, essa adaptação a cada minuto, conforme se torna conveniente. Eu queria que apenas uma vez, um dia, uma surpresa me fosse decretada: de repente, algo novo, e eu não precisasse mais usar essa roupa que*

> *uso. Ah, Lúcio, se você compreendesse. Se você pudesse compreender* (GODOY, 2002, p. 137-8. Grifos do autor).

Além da discussão do papel do homossexual na literatura brasileira contemporânea, bem como as terminologias que giram em torno do tema e a questão da identidade desses sujeitos em minoria, outro ponto merece ser mencionado e se faz bastante necessário, que é o que diz respeito aos preconceitos e estereótipos preestabelecidos em relação a essas personagens. De acordo com os moldes consensuais, por mais que os conflitos sejam intensos e causem polêmicas, as narrativas trazem personagens normatizadas, isto é, que não vão de encontro à ideologia marcadamente predominante no que tange aos estereótipos de gênero sexual. No máximo, até a chegada da literatura contemporânea, há um aparecimento velado de personagens considerados marginais, ou minoritários, como os homossexuais. Um exemplo disso é Diadorim, do *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa.

Agora, no século XXI, começa a ter uma valorização mais condensada das narrativas e personagens que representam todo tipo de minoria, aliás, os estudos culturais ajudaram bastante para que isso acontecesse. O que contribuiu para que os valores socioculturais e históricos tidos na cultura ocidental e perpetuados há séculos sofressem uma alteração, ainda que embrionária. Ainda assim, espera-se que, aos poucos, haja uma abertura mais ampla nesse sentido de atualizar o pensamento que valoriza os aspectos sociais, históricos e ideológicos, tendo em vista que a modernidade existe, os fatos descritos nos romances também são existentes e não há como rejeitar isso. Portanto, o mais viável é a aceitação e mudança de pensamento, a ideologia dominante necessita depreender a importância da colocação e discussão de temas que agora fazem parte da cultura e da história da sociedade moderna, como é o caso de todas as, até então, minorias, tal qual a representação do homossexual na literatura.

Albuquerque Júnior (s/d, p. 7) traz essa preocupação e coloca uma pergunta bastante inquietadora: “Se vivemos em uma sociedade de ordem heteronormativa, qual seria o lugar da homoafetividade ou do homoerotismo nesta ordem social?”. Em conjunto a essa inquietação, podemos somar outras: Devem os homossexuais se calar e

permanecerem no armário? Chegou a hora de sair à luta e mostrarem que o espaço social também lhes pertence? O que fazer para ter vez e voz nessa sociedade patriarcal e ser visto sem ser humilhado e sofrer preconceito? Ficar no limbo seria a melhor saída?

Inicialmente, pelo menos no que diz respeito ao âmbito literário, o espaço começa a ser conquistado e a voz minoritária, ainda que fraca, engatinha para ser ouvida, de forma que aqueles que falam dentro das narrativas vão, paulatinamente, impondo-se nessa sociedade efêmera, caótica, desorganizada e contraditória do século XXI que, no lugar de evoluir em termos ideológicos, tem regredido de maneira inexplicável. O pensamento machista, por exemplo, apesar de tanto já discutido, tem crescido de maneira exacerbada, o que faz com que aumente a necessidade de se falar, cada vez mais, da presença dos grupos ainda em minoria, na sociedade.

Então, o que se tem a fazer é mesmo ir à luta e buscar espaço. O sujeito homossexual, como um dos integrantes do grupo dos excluídos socialmente, precisa mesmo exercer um papel de influência nos romances contemporâneos, assumir um posicionamento crítico construtivo, de maneira que o seu lugar seja conquistado e deixe de ser visto como algo "anormal", patológico ou da ordem do desrespeito, como muitos ainda acham que seja.

No que tange a esse posicionamento, em *As lesmas*, o narrador (Mário) é um homem maduro, marcado por acontecimentos da ditadura, que viveu uma experiência afetiva conflituosa com Lúcio. O amor não se concretiza, inclusive, em virtude de alguns empecilhos colocados pelo próprio Lúcio, que tem dificuldade em assumir sua sexualidade, já que carrega as amarras da ideologia cristã e conservadora, ensinada pela sua família, e vive em um abismo constante e ameaçador. Em oposição a isso, temos Mário, que se expõe e briga com o pai, também muito preservador dos conceitos clássicos e ideológicos, mas deixa claro seu posicionamento social e sexual. Destarte, vimos que ele fala de um lugar definido, de um lugar que busca representar seu grupo e dar voz àqueles que, na maioria das vezes, preferem ficar calados e "dentro do armário" para não ter que enfrentar o que está por vir, caso ele se exponha socialmente e queira ser um "homem livre".

Essa relação de Mário e Lúcio pode ser reflexo da teoria abordada por Albuquerque Júnior, s/d, p. 8-9:

> A vida de um homossexual numa sociedade heteronormativa é marcada pela fragmentação de suas atitudes, pela fragmentação daquilo que Giddens chama de *self*, pela fragmentação de um "eu" que não pode aparecer socialmente, não pode sequer se simular como sendo o mesmo em todos os momentos e lugares, pois sua vida é experimentada como descontinuidade, marcada pela fugacidade dos encontros, dos amores, dos afetos, das relações. A vivência homossexual se daria como em *flashs*, pois, ao contrário da vivência heterossexual, ela não encontraria suporte ou permissão social para ocorrer em todos os lugares, em todos os momentos, em todos os contextos sociais.

A própria marca temporal da narrativa explicita essa dificuldade dos amantes homossexuais em estabelecer uma relação sólida e duradoura, tendo em vista que, apesar de haver um tempo cronológico, Lúcio vive o tempo interior, conflituoso, tedioso, de rotina e monotonia, depois da partida de Mário. Vimos então que são variados os empecilhos que permeiam a relação dos personagens e, por serem sujeitos amantes do mesmo sexo, o lugar que ocupam, o que podem dizer aos outros e o que eles são, é limitado e, para lembrar novamente o autor acima mencionado, é uma relação que não encontra "suporte ou permissão social" para acontecer em todo e qualquer momento e contexto social.

A espera pelas cartas, por Mário, o amor homossexual descoberto, a relação com a sua ex-namorada. A educação religiosa no colégio, formação conservadora e patriarcal. A reflexão sobre a ditadura. Os sonhos com as lesmas, a presença dos pássaros, os fatos históricos, a repressão militar, a falta de uma relação familiar, comunicação. Tudo isso relata a fragmentação do homem, da sociedade, e o próprio tempo, de maneira que vemos que o livro incorpora tanto na temática quanto na sua própria estrutura, a fragmentação do tempo, a fugacidade, o tempo interior, que é diferente do cronológico.

Em *As Lesmas*, o narrador faz descrições minuciosas e com bastante riqueza de detalhes, que levam o leitor a idealizar aspectos

metafóricos da relação entre Mário e Lúcio. Por exemplo, no início do livro, há uma descrição de mais de três páginas em que o personagem está absorto na observação de um pássaro que voa em torno de uma árvore, até que ele se debate em um galho seco e morre.

Tal passagem representa a não concretização do amor e, consequentemente, a morte dele. O que ocorre é a constante procura pelo objeto idealizado, o desejo por ele. No caso dos personagens Mário e Lúcio, representados pelo pássaro e a árvore, há uma amizade que se estende por anos, uma relação de confiança, mas não necessariamente de reciprocidade, tendo em vista que Lúcio não consegue dar-se totalmente ao outro que, por sua vez, está ali, entregue, pronto. Ou seja, Mário pode ser representado pela árvore, que tem raízes fixas e sabe o que quer, mas já está seca e cansada; Lúcio é o pássaro, voa em torno da árvore, mas não pousa nela, admira e deseja, mas não faz parada, o que acaba levando-o à morte, depois de já estar bastante cansado. Essa metáfora leva-nos a pensar, ainda, no grande abismo que os separa: a decisão por ser quem é, por se libertar!

Lúcio, portanto, viveu parte de seus 19 anos, idade em que decidiu dar cabo à sua vida, "dentro do armário", sem poder se libertar e assumir uma identidade que lhe era desejada, a identidade de um homossexual. Viveu, pois, como um beija-flor que sobrevoa ao redor da flor, mas nunca a toca para provar do seu doce néctar, ou o pássaro descrito na própria narrativa, que voa constantemente ao redor da árvore com seus galhos secos e nunca pousa em nenhum deles. Mário, ao contrário do homem que amou, assumiu-se, apesar de algumas incerteza e dúvidas que hora ou outra lhe advinha, sendo assim, é visto em oposição ao que se mantém preso, engessado na armadura ideológica patriarcal e conservadora, tal como podemos confirmar nas palavras de Sedgwick (1993, p. 28-9):

> "O armário" e "a saída do armário", ou "assumir-se", agora expressões quase comuns para o potente cruzamento e recruzamento de quase todas as linhas de representação politicamente carregadas, têm sido as mais magnéticas e ameaçadoras dessas figuras. O armário é a estrutura definidora da opressão gay no século XX. [...] A imagem do assumir-se confronta regularmente a imagem do armário, e sua posição pública sem ambivalência pode ser contraposta como

> uma certeza epistemológica salvadora contra a privacidade equívoca oferecida pelo armário [...].

Em linhas gerais, a partir da visão de um casal de lesmas em coito sexual, no zoológico, é que temos a tematização do romance. Essa não é a metáfora que representa, categoricamente, a relação de amor não concretizada entre Mário e Lúcio, mas é o que desperta o narrador para uma realidade dolorida e lenta e, a partir daí, temos todo o desenvolver da trama. No decorrer dela, começam a aparecer os fatos que nos nortearam a buscar os questionamentos que foram aqui apontados.

Enfim, esperamos que o que foi proposto no início do artigo tenha sido cumprido ou, minimante, tenha caminhado para isso, tendo em vista que a abordagem se faz bastante necessária na universidade e fora dela, isto é, o papel do homossexual na literatura brasileira contemporânea precisa ser mais explicitado e suas marcas evidenciadas, de forma que o sujeito fale de um lugar que é seu, por direito; fale sobre sua vida e sua história, tal como ela é e não como a sociedade quer que seja, ou a partir de uma máscara, por trás da qual se esconde; fale para mostrar que tem seu espaço e que as minorias precisam ser aceitas na sociedade contemporânea que, em vez de progredir, tem retrocedido em termos de aceitação social. A literatura, assim como já tem feito há tempos, tem poder para isso, para efetivar essa mudança no seio social, basta que não paremos de produzir, tanto obras literárias quanto críticas a esse respeito.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Escrever como fogo que consome:** reflexões em torno do papel da escrita nos estudos de gênero. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. Acesso em: 16 out. 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Carlos Alberto Medeiros (trad.). Rio de Janeiro:

Jorge Zahar Ed., 2005.

CAMARGO, Flávio Pereira. **Revendo as margens**: a (auto) representação de personagens homossexuais em contos de Caio Fernando Abreu. 2010. 288f. Tese (Doutorado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Literatura – Instituto de Letras – Universidade de Brasília. Brasília, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1992.

GODOY, Heleno. **As lesmas.** 2. ed. Goiânia: Asa Editora, 2002.

LOMANDO, Eduardo; WAGNER, Adriana. Reflexões sobre termos e conceitos das relações entre pessoas do mesmo sexo. **Revista Sociais e Humanas.** Centro de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Federal de Santa Maria - Rio Grande do Sul, 2009.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____.(Org.). **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemology of the Closet. In: ABELOVE, Henry et all. **The lesbian and gay studies reader.** Trad. Plínio Dentzien. New York/London, Routledge, 1993, p. 45-61.

VICENTINI, Albertina. Orelha do livro. In: GODOY, Heleno.(Org.). **As Lesmas**. 2002, s/p.